



RESENHA/RECENSÃO - BBOOK REVIEWS

CLARK, Gordon Haddon. **Senhor Deus da Verdade**. Tradução Felipe Sabino de Araújo Neto, Marcelo Herberts e Ângela Ricci. Brasília: Mongerismo, 2018. 155p.

*Mary Katherine Araujo de Souza**

O livro, publicado pela Editora Mongerismo em 2018, foi escrito pelo filósofo, teólogo e educador Gordon Haddon Clark. Traduzido por Ângela Ricci, Felipe Sabino de Araújo Neto e Marcelo Herberts; prefaciado por John Robbins. Com título em original *Lord God of Truth and Concerning The Teacher*, o livro reúne em um único volume duas obras clássicas que discorre adequadamente sobre o empirismo.

Gordon Haddon Clark¹ foi filósofo, teólogo calvinista, educador renomado internacionalmente. Escreveu mais de 40 livros, entre eles, o livro *Uma Visão Cristão dos Homens e do Mundo* que se tornou um clássico contemporâneo. Importante destacar também que Clark foi presidente do Departamento de Filosofia da Universidade Butler por 28 anos, além de ter ensinado por mais de 60 anos em faculdades e seminários.

A temática central do livro está na convergência de ideias de dois pensadores, cujas teorias são apresentadas, que viveram em épocas distintas, mas tiveram a intrepidez de lançar esforços sobre a questão da epistemologia, o estudo sobre a

* Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Pernambuco. País de origem: Brasil. E-mail: kathsouza@yahoo.com.br.

¹ Para outras informações acerca da biografia de Gordon Haddon Clark, indico o texto publicado em: http://www.mongerismo.com/textos/biografias/agostinho_america_clark.pdf. Acesso em: 17/06/2019.



natureza do conhecimento. Os dois teólogos e filósofos cristãos defendem em seus escritos a visão epistemológica do racionalismo bíblico. A primeira obra apresenta um ensaio crítico escrito por um norte americano do século XX que oferece várias razões para acreditarmos ser falsa a doutrina de que o conhecimento é obtida através dos sentidos. A segunda, traz o diálogo de um africano dos séculos IV e V, onde discorre várias razões para acreditarmos ser falsa a ideia de que os homens ensinam a verdade uns aos outros.

O livro está composto em duas partes. A primeira traz a obra intitulada como Senhor Deus da Verdade apresentando um criterioso estudo que retoma e discute as ideias empíricas. Nesta, procura-se ampliar algumas teorias relevantes sobre a importância do conhecimento, sem abandonar a epistemologia; porém, devendo tornar os apologistas mais evidentemente bíblicos. Na Segunda parte temos o De Magistro, uma obra escrita por volta de 390 d.C., em que Aurélio Agostinho conversa com o seu filho Adeodato sobre a filosofia da linguagem e o processo de aprendizagem, aponta a questão que se a linguagem é capaz de fazer uma descrição precisa das coisas e se por meio dela ensinamos de fato ou só desenvolvemos mais linguagem ainda. Em análise ao descrito, trata-se de uma obra complexa porque se desenvolve por meio dialógico e dialético (onde o tema é desenvolvido de modo teórico e assistemático). Pertinente ressaltar que existem momentos em que não sabemos se os interlocutores estão discordando, ou concordando para discordar.

Mergulhando em Senhor Deus da Verdade, Clark afirma introdutoriamente que todo o homem nasce agostiniano ou tomista e a escolha entre esses dois é de fundamental importância. Reforça que isto determina como um cristão tentará defender sua fé contra todos os adversários. Nesse sentido, ele infere que uma apologética cristã séria deve prestar atenção nos estrategistas antes de lidar com o problema dos táticos.

Com esse norte, no capítulo 2, Clark trata de concepções e posições de antigos filósofos, numa perspectiva de contemplar o empirismo epistemológico nos extratos do protestante John Locke. Este assenta seus escritos acerca do entendimento humano em que relata o descrito: “ideia é o objeto do pensamento humano”; mais precisamente, “ideia é o termo mais indicado para significar qualquer coisa que

consiste no objeto do entendimento quando o homem pensa”. Nesta conjuntura de pensamento, Clark discorre argumentando contra esse empirismo de Locke, o autor mostra a falha na teoria das marcas sobre o papel em branco em que Locke não fornece nenhum ponto de conexão dessas marcas e sua causa desconhecida.

Os argumentos de Tomás de Aquino estão centrados no capítulo 3. Ele usa o argumento cosmológico para provar a existência de Deus. Nessa linha, Clark encontra falhas nos argumentos daquele, principalmente pelo empirismo em que os são colocados, visto afirmar: “é certo e verificado pelos sentidos...”. Segue Aquino na dependência da Teoria de Aristóteles da potência e ato, recaindo na mesma lacuna deste, não definindo os termos utilizados. Usar somente exemplos para evidenciar esses termos é um empirismo infimamente básico, descreve o autor. Nessa direção, explica o autor outras falhas do argumento cosmológico tomista e demonstra que o próprio Aquino reconhece que nenhum argumento empírico poderia demonstrar a criação de um mundo temporariamente limitado, invocando ele para a revelação divina.

O Agostinianismo se apresenta no capítulo 4 da obra. Ressalva-se aqui o De Magistro que visa mostrar que Cristo é o único professor demonstrando as refutações de positivistas lógicos com seus argumentos contra o empirismo dos estoicos. Evidência ainda Nicholas Malebranche, filósofo francês, que desenvolveu o que se chamou de agostinianismo não empírico, com a sua obra Diálogos sobre a metafísica. Interessante é que no final da explanação sobre esta, Clark afirma que o cristianismo não pode ser empírico.

No capítulo 5, adentrando no campo dos termos fundamentais, Nicholas Malebranche discorre sobre o tema sensação. Ele define o propósito da sensação como o de preservar o corpo do perigo, fazendo a indução de aprendemos através dos sentidos. Em que tange a essa assunto, Clark faz a refutação dessa afirmação empírica com exemplos que mostram a diferença entre metáforas e linguagem literal.

A obra, no capítulo 6, continua seguindo o seu propósito de refutar o empirismo, agora, dentro dos parâmetros de Aristóteles e Aquino. A Casualidade (tema do capítulo) aparece como um termo relativo; porque não pode haver causa sem efeito, e estes, são eventos temporalmente distintos e que dentro desta temporalidade, um

evento pode impedir que o outro (efeito) ocorra. Clark, infuso neste condensado pensamento, afirma, dentro das suas refutações àquela ideia, que o apologista cristão deve reconhecer que Deus Causa todas as coisas.

A Teoria da Imaginação nos é apresentada no capítulo 7. Nesse campo do abstrativíssimo, Aristóteles foi o primeiro filósofo a estudar o tema imagens e ninguém desde então fez algo muito melhor nesse assunto diz o autor. Aquele descreveu o desenvolvimento do conhecimento como procedendo primeiro das sensações até as imagens. E nesta seara, o autor da obra dá destaque aos pensadores modernos como David Hume, Bertrand Russell e Alfred Binet, no intuito de produzir uma apologética que possa refutar o secularismo.

E depois de tecer, nos capítulos anteriores, sobre detalhes em que o empirismo falha, Clark, no capítulo 8, adentra no campo da indução e das proposições universais, demonstrando que sem está última o cristianismo seria impossível; uma vez que nelas não há exceções. Como exemplos encontrados em experimentos laboratoriais, o autor afirma que o empirismo não pode produzir nem justificar qualquer proposição universal. Tão verdade isto se torna quando da observação sobre cada uma das leis de Newton que foram abandonadas pelos cientistas, anos atrás, cita Clark.

A conclusão da primeira parte do livro, capítulo 9, apresenta a relevância da justificativa do filósofo teólogo em relação a epistemologia e sua importância recai nas evidências bíblicas. Toma como base o livro de Hebreus onde o autor dos textos bíblicos repreende severamente a falta de conhecimento. Apensa a essa ideia o trecho de 2 Pedro 1.3 onde assegura que todas as coisas que conduzem à vida e à piedade chegam até nós da parte de Deus através do conhecimento, e corrobora as observações com a passagem do livro de Tiago 1.5 que nos instrui a pedir sabedoria a Deus. Neste ínterim, pode-se observar Clark, na sua posição, defendendo que todo conhecimento vem de Deus. Por este motivo, sua obra foi intitulada como Senhor Deus da Verdade.

Em De Magistro, segunda parte do livro, obra escrita por Aurélio Agostinho, a discussão sobre quem ensina toma forma de maiêutica. Agostinho e Adeodato desenvolvem um diálogo composto em 14 capítulos. No 1º capítulo, O propósito do discurso, Agostinho juntamente com Adeodato discutem a finalidade do que se

pretende quando falamos até anuírem se a palavra foi instituída para ensinar algo e concordam que as palavras são sinais.

No 2º capítulo, as palavras são vistas como sinais. Adeodato afirma que não se pode existir sinal sem significar algo e Agostinho replica mostrando que algumas palavras não possuem significado algum, agregando como exemplo a palavra *ex*.

A questão repousa, no 3º capítulo, sobre ser possível mostrar alguma coisa sem o emprego de signos. Agostinho supõe para seu filho Adeodato que se pode ensinar ou aprender sem palavras, com o uso de símbolos. Adeodato afirma ainda que algumas coisas não podem ser demonstradas de tal forma, como as qualidades do ser humano e corrobora, em partes, com seu pai ao descrever que podemos demonstrar e interrogar algumas coisas através dos gestos.

No 4º capítulo, o diálogo segue na discussão sobre as coisas que não são sinais (visíveis); mas que podem ser representadas por sinais. Agostinho conduz Adeodato a chamarem estas coisas de significáveis. Com efeito, Agostinho salienta que chamamos sinais a tudo o que significa algo, entre estes, encontramos a palavra. Diante do exposto, os significado das coisas vão além do próprio nome, compreendem todos os seus significados.

Em continuidade ao significado dos sinais, no 5º e 6º capítulos, os pensamentos de ambos recaem sobre os sinais recíprocos e sinônimos. Agostinho, de início, já interpela a seu filho: “(...) agora vê se é possível encontrar sinais que se signifiquem reciprocamente, de maneira que, assim como este significa aquele, também aquele signifique este”. Encontram, nesse sentido, por exemplo, “nome” e “palavra”.

No 7º capítulo, é apresentado um resumo dos capítulos anteriores onde Adeodato relata para o seu pai tudo o que encontraram na discussão.

Agostinho conduz seu filho, no 8º capítulo, a entender que depois de se ter o sinal, a mente vai examinar o que este significa, e após o exame é que concede ou nega o que se diz. Momento ímpar em que Agostinho começa a introduzir a Adeodato que o conhecimento vem do nosso âmago.

Destarte, no 9º capítulo, o diálogo consegue inferir quanto a importância do conhecimento ante a própria coisa e ao seu sinal. E no 10º capítulo, a conclusão é de que algumas coisas podem ser ensinadas sem sinais, podendo ser mostradas por si mesma. Entende Agostinho que não se aprende nada através das palavras (sinais); e sim, pelo valor delas (o conhecimento da coisa significada).

No 11º capítulo, Agostinho revela seu entendimento de que o valor das palavras apenas incitam a procurar as coisas porque só depois de conhecê-las se consegue o conhecimento completo das palavras. Alude que todas as coisas significadas por elas já eram de nosso conhecimento; nesse sentido, aprendemos portanto conhecendo o objeto.

Com magnitude, o 12º capítulo introduz a Cristo como nosso professor, ao passo que afirma não aprendermos nada, além do som, com as palavras. Trata do conhecimento interior, o inteligível, também chamado de espiritual, que se realiza, outrossim, mediante o contato direto ou indireto com os objetos, mas estes são interiores, pois provém da percepção pela mente, isto é, através do intelecto e da razão.

Não menos importante, no 13º capítulo temos a explanação de Agostinho sobre o fato de as palavras nem sempre expressaram aquilo que se pensa. Neste intrigante entendimento, ele externa discorrendo que as coisas que se contemplam com a mente, inutilmente ouve as palavras de quem as vê toda pessoa que não consegue vê-las. Com as palavras mentirosos e enganadores só não revelam, mas até ocultam o pensamento. Destarte, pode-se depreender que cada um que pode ver as palavras interiormente é discípulo da verdade; escreve Agostinho.

Por derradeiro, o último capítulo aborda o tema Cristo ensina interiormente, o homem avisa exteriormente pelas palavras. Agostinho afirma que o verdadeiro e único Mestre de todos está no céu. Ele, por meio dos homens, nos admoesta com sinais, e exteriormente, a fim de que, voltados para Ele interiormente, sejamos instruídos; obtenhamos o conhecimento. O mestre exterior, o homem, nada mais faz que admoestar. E, dentro deste contexto, Adeodato entende que as palavras servem para estimular o homem a aprender.

É pertinente perceber, nesta obra de Agostinho, que não existem mestres que nos ensinam, pois nenhum ser humano é capaz de apresentar objetos interiores ao nosso interior, mas, de acordo com ele, somente um Mestre, Jesus Cristo que habita no homem interior.

Devemos observar que o processo de conhecimento e aprendizagem no domínio interno, de acordo com a obra, é semelhante ao externo, mas quem ensinará, quem apresentará estes objetos a nós de maneira nítida e distinta e dizer se são verdadeiros ou falsos, será Cristo, o Mestre interior.

Nessa senda, se nos é apresentado exteriormente através de palavras algo que se refere ao domínio interior, a aprendizagem e o conhecimento só se realizarão mediante o significado destas palavras e mediante o contato com estes objetos, que só serão possíveis de serem contemplados pela Luz Interior que é Cristo, que, habitando o interior do homem, ilumina sua alma.

Destaque-se que Gordon Clarck se posicionou um antiempírico ao realizar sua apologética com base no estudo da epistemologia numa teoria *a priori* em contraposição a uma visão *a posteriori* de conhecimento empírico. Faz uso da obra Agostiniana que exprime a forma pela qual o homem adquire ao conhecimento para corroborar sua defesa da fé cristã.

Note-se, por fim, que as obras, consolidadas em um único livro, apesar de escritas em séculos diferentes, deve ser recomendada para leitura para todos as pessoas que têm interesse pelos temas centrais do campo religioso, filosófico e apologético; mesmo considerando ser uma leitura de difícil entendimento pela forma erudita da escrita.